



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**EMILY ALVES DA CUNHA LIMA**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

**MUSEU DO FUTEBOL**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias: Visibilidade para o Futebol Feminino

**Número da entrevista:** E-562

**Entrevistada:** Emily Alves da Cunha Lima

**Local da entrevista:** Museu do Futebol – São Paulo

**Entrevistadora:** Luciane Castro

**Data da entrevista:** 14/03/2015

**Transcrição:** Suellen de Souza Ramos

**Copidesque: e Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** sem registro

**Páginas Digitadas:** 14

### **Observações:**

A entrevista foi realizada durante a primeira edição do Ciclo de Debates vinculado ao projeto *Visibilidade para o Futebol Feminino* desenvolvido pelo Museu do Futebol em parceria com a Epon, a Getty Images Brasil, a Rádio Central 3, o Coletivo Guerreiras Project e o Centro de Memória e Esporte. O Ciclo de Debates conta com a organização de Juliana Cabral, Lu Castro e René Simões.

Integra o *Programa Futebol e Mulheres*, desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO). Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em maio de 2015.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>
---

## **Sumário**

Atividades esportivas praticadas na infância; Inserção no futebol; Influência da família; Início da carreira como jogadora de futebol e futsal; Equipes e competições que participou; Atuação na Espanha; Atuação na seleção portuguesa de futebol; Atuação na Itália; Lesão no joelho; Cursos de formação para atuação como treinadora; Atuação como treinadora; Atuação no comando da seleção brasileira sub-17 de futebol feminino; Desligamento da seleção brasileira; Atuação no São José Esporte Clube.



São Paulo, 14 de março de 2015. Entrevista com Emily Alves da Cunha Lima a cargo da jornalista Lu Castro para o Projeto Visibilidade para o Futebol Feminino.

**Emily Lima:** “Meu nome é Emily Lima. Emily Alves da Cunha Lima, conhecida no mundo do futebol como Emily Lima. Tenho 34 anos. Comecei a jogar de brincadeira com 6, 7 anos de idade. Logo meu irmão e meu pai viram que eu tinha... Para irmão e pai a gente sempre tem jeito pra coisa né, então, foi mais ou menos o que aconteceu, eles acharam que eu tinha jeito para o futebol. E na minha família sempre teve muito menino, primos homens e tinha uma prima e essa minha prima só queria ficar brincando de boneca, ficar brincando com essas coisinhas assim, e eu queria bola, queria jogar bola com os meus primos e correr no campo. Essa foi minha infância de 6 até os meus 12 anos. Então meu pai e meu irmão me levaram para fazer uma avaliação com 13 anos no Saad<sup>1</sup>, aí foi onde começou a minha carreira dentro do futebol feminino. O Saad é um dos pioneiros do futebol feminino no Brasil, então, fui fazer uma avaliação lá com 13 anos, de 13 para 14 anos e a minha primeira treinadora foi uma treinadora mulher, a Ivete<sup>2</sup>. Então eles me aprovaram, mas a gente só ia no final de semana, tinha uma equipe que era adulta e eles se alojavam em Indaiatuba e ficavam treinando a semana inteira e as novinhas iam só no final de semana. Assim eu comecei com 13, 14 anos, 15... E a gente disputava a Federação Paulista de Futsal que era prioridade na época, e disputava alguns torneios, alguns amistosos de campo”.

**Lu Castro:** Tudo misturado?

**Emily Lima:** Tudo misturado. A prioridade era o futsal, a Federação Paulista, mas a gente disputava algum torneio, algum festival que o Romeu Castro, que é o presidente do Saad

---

<sup>1</sup> Saad Esporte Clube.

<sup>2</sup> Maria Ivete Gallas.



fazia, criava. Porque ele gostava muito mais do campo, o foco era o campo, mas naquele momento a gente disputava as competições de futsal porque não existiam muitas competições. Estou falando de 1995, 1996. E não existiam muitas competições de campo. Eu joguei até 1996 no Saad e em 1997 teve uma junção, teve um acordo entre São Paulo<sup>3</sup> e Saad foi onde o São Paulo entrou no futebol feminino, e no São Paulo eu fiquei de 1997 a 2000, e nós conquistamos tudo em 1997: tinha o Paulistana na época, o Paulistana, o Brasileiro. O Brasileiro era disputado em um mês em alguma cidade sede. Era bem bacana; claro que não era o ideal, mas existiam as coisas. Torneio Primavera, Paulistana, Brasileiro... Tinham algumas competições, então, entre esses anos eu fiquei no São Paulo e depois em 2000 acabou. O presidente resolveu acabar com a modalidade e foi de uma maneira um pouco chata por que estávamos na véspera de começar o Paulista. E véspera, assim, na semana eu acredito, 15 dias antes, não me lembro muito bem. A Juliana<sup>4</sup> vai ter que me ajudar nas datas aí. E de repente ele chegou para a diretoria terminar, acabar com o feminino, e a gente já vinha treinando pra começar a competição. E daí a gente se reuniu e falou: “a gente precisa de um time pelo menos para disputar essa competição, estamos preparadas para disputar a competição”. Isso em 2000, em 1999 nós fomos campeãs, fizemos a final com a Portuguesa<sup>5</sup>, em 2000 ele resolveu acabar e nós disputamos pelo Palestra de São Bernardo, olha para onde nós fomos. E foi todo mundo. Foi bacana porque foram as meninas todas. Todo mundo abraçou sem ganhar nada mas para disputar mesmo, depois cada uma ia seguir o seu caminho”.

**Lu Castro:** Das meninas que jogaram, quantas estavam desde o começo? Quantas ficaram até o fim?

**Emily Lima:** Da época de 1997, a Jú estava com certeza, porque a Jú era a queridinha no presidente [risos], ela estava desde o começo. A Tânia Maranhão<sup>6</sup> estava desde o começo,

---

<sup>3</sup> São Paulo Futebol Clube.

<sup>4</sup> Referência a Juliana Ribeiro Cabral, uma das organizadoras do Ciclo de Debates.

<sup>5</sup> Associação Portuguesa de Desportos.

<sup>6</sup> Tânia Maria Silva Ribeiro



mas depois teve uma passagem pelo Palmeiras<sup>7</sup> e retornou; nós tínhamos a Maravilha<sup>8</sup> que também iniciou no Saad. A história da Maravilha é muito interessante, muito bacana porque ninguém acreditava nela como goleira, ela não conseguia pegar uma bola, não sabia nada de futebol, mas acreditaram nela pela altura dela. Você vê que foi uma grande goleira que disputou Olimpíadas e Mundial... Ela também estava lá, depois teve uma passagem pela Portuguesa. Tinham algumas atletas, não me lembro agora... Mas dessas que estão mais habituadas a escutar são mais ou menos essas aí... Tem a Elaine<sup>9</sup>, a zagueira também, teve passagem pelo Santos, a própria Didi<sup>10</sup> também que era goleira também começou bem antes. Teve algumas atletas, mas as que estiveram realmente... Juliana me ajuda ai, você tem que ficar com o microfone... Eu não me lembro muito bem de datas assim, mas ela está me perguntando no início de 1997 quem ficou até 2000. Eu acho que foi só eu e a Juliana.

**Juliana Cabral:** A Andréia Suntaque.

**Emily Lima:** Não, a Andréia chegou depois.

**Juliana Cabral:** Não chegou em 1997?

**Emily Lima:** Não, a Andréia foi chegar no São Paulo em 1998, em Arujá. Mas quem iniciou lá com o Romeu...

**Juliana Cabral:** Em 1996, 1997 acho que só nós.

**Emily Lima:** Acho que só eu e a Juliana que tivemos essa sequência até o término do São Paulo. Então o término foi muito de repente, mas aconteceu e a gente se reuniu e foi jogar pelo São Bernardo, pelo Palestra de São Bernardo e por nada mesmo, para disputar a

---

<sup>7</sup> Sociedade Esportiva Palmeiras.

<sup>8</sup> Marlisa Wahlbrink

<sup>9</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>10</sup> Diedja Barreto.



competição. A gente chegou na final se eu não me engano e perdemos a final não me lembro para quem, de memória eu sou um pouco fraca. Em 2001 eu fui para o Rio de Janeiro disputar o campeonato estadual, o carioca. Foi um time também montado de última hora, ele acabou levando algumas atletas como a Tânia Maranhão, a Elaine, a Grazi<sup>11</sup>, eu... Foram algumas meninas também, algumas...

**Lu Castro:** Qual era o nome?

**Emily Lima:** Barra de Teresópolis. Nós nos reunimos e fizemos o time e conseguimos ser campeãs em cima do Vasco<sup>12</sup> que... A Juliana estava jogando no Vasco na época... E acabou que nós ganhamos esta competição que foi uma competição que o presidente do clube fez um investimento fantástico, um investimento de curto prazo para ser campeã daquela competição e depois dali acabou o time e até hoje não existe mais o futebol feminino lá, tem o masculino, que o foco deles sempre foi o masculino, mas aquele ano ele se interessou pelo feminino e quis montar. Então foi pegando uns contatos e fizemos uma equipe e acabamos disputando o estadual lá.

**Lu Castro:** Quanto tempo de estadual?

**Emily Lima:** Três meses, mais ou menos, em torno deste tempo. Finalizamos lá, cada uma foi para sua casa. Teve o Brasileiro neste meio tempo do carioca, algumas meninas foram emprestadas para jogar o Brasileiro, eu já havia me lesionado, não pude jogar o Brasileiro, tinha feito a primeira cirurgia, não pude jogar o Brasileiro este ano.

**Lu Castro:** Lesionou o quê?

---

<sup>11</sup> Grazielle Pinheiro Nascimento.

<sup>12</sup> Clube de Regatas Vasco da Gama.



**Emily Lima:** Eu tinha um problema na patela, eu sempre tive problema na minha patela e tendão patelar frouxo, então, eu fui levando isto até 2001. Eu tinha isto desde os 13 anos de idade quando eu comecei a jogar sério. Eu estive anos com isso, mas como eu era muito

nova e ainda aguentava jogar, mas a coisa foi se agravando, se agravando e um jogo do estadual lá do Rio contra o Fluminense<sup>13</sup> eu acabei lesionando mesmo e precisei fazer cirurgia e fiquei um pouco parada, parei a competição na metade, estava já na fase final da competição e acabei não disputando a final do estadual, do carioca. Cada uma foi para sua casa e em 2002, mais uma vez um time juntou todo mundo para disputar a competição do Sul e eu fui para Veranópolis<sup>14</sup>, no Rio Grande do Sul. E fomos disputar a competição lá também e aí fizemos uma equipe mais competitiva, foi a Andréia Suntaque, a Daniela Alves<sup>15</sup>, a Maycon<sup>16</sup>, a Maurine<sup>17</sup>, Grazi... Então nós até que fizemos uma equipe bem competitiva apenas com contatos: “vamos jogar lá? Vamos jogar lá?” Isso em 2002 que está próximo, não está muito longe. Chegamos na final contra o Inter, na época a Rosana<sup>18</sup> estava jogando no Inter<sup>19</sup>, que eu me lembre assim de nome só a Rosana estava jogando lá. No final de 2002 quando acabou a temporada lá foi quando eu recebi o convite de ir para a Espanha, se eu tinha interesse, e eu via que no Brasil as coisas não iam mudar muito. Eu estava no meio da minha faculdade cursando Educação Física, cheguei para minha mãe e para o meu irmão e perguntei. Eu também estava em um período muito delicado de família que eu havia perdido meu pai no mesmo ano, e de deixar minha mãe sozinha, então, foi tudo muito junto e eu acabei decidindo... Não sozinha porque eles sempre torceram muito para que isto acontecesse, esse era o sonho e o objetivo do meu pai. Eu peguei e acabei abrindo mão de tudo, de tudo, de tudo e acabei indo para lá. Graças a Deus deu tudo certo, eles sempre me apoiaram. Eu acho importantíssimo o apoio da família, eu acho 100% de uma atleta, eu acho que de qualquer modalidade, mas principalmente no feminino estar apoiando porque é difícil, você não vai viver do futebol, você tem que ter o apoio da

---

<sup>13</sup> Fluminense Football Club

<sup>14</sup> Veranópolis Esporte Clube Recreativo e Cultural

<sup>15</sup> Daniela Alves Lima.

<sup>16</sup> Andréia dos Santos.

<sup>17</sup> Maurine Dorneles Gonçalves.

<sup>18</sup> Rosana dos Santos Augusto.

<sup>19</sup> Sport Club Internacional.



família. É claro que muitas meninas saem de casa para ajudar a família, para levar dinheiro para casa, e no futebol feminino, às vezes, a família não tem dinheiro e se desdobra para conseguir um passe pra ela ir treinar, então, eu acho isso bacana da família sempre estar apoiando e ajudando. Graças e Deus eu sempre tive meu pai, meu irmão e minha mãe que sempre me ajudaram em todas as minhas decisões em relação ao futebol feminino. Fiquei na Espanha até 2008.

**Lu Castro:** Jogando por qual clube?

**Emily Lima:** Joguei no Estudiantes, joguei no Sporting Club de Huelva... A Thaís<sup>20</sup> jogou também... Viu como a minha memória não é tão fraca assim? A Thaís jogou no mesmo clube que eu joguei lá... Não! Era o time rival, era da mesma cidade. Então joguei no Estudiantes de Huelva, joguei no Puebla de la Calzada, joguei no Prainsa que é em Zaragoza e depois joguei em L'Estartit que é em Barcelona.

**Lu Castro:** E lá você tem uma única competição feminina ou tem séries?

**Emily Lima:** Lá tem primeira e segunda divisão, tem até terceira divisão, quarta divisão, tem regional... São muitas divisões. Eu estava jogando a Super Liga que é a primeira divisão e isso é bacana porque caem duas e sobem duas, então, é bastante competitivo. Tem a Copa... Segue o mesmo calendário do masculino, o tempo, acho que são dois jogos menos do que o masculino. Termina o campeonato, tem a Copa do Rei, tem a Copa da Rainha, é bem bacana, o troféu é entregue pela Rainha mesmo, igual o Rei entrega para o masculino. É outra realidade, eu vivi outra realidade fora do país.

**Lu Castro:** Você ficou quantos anos lá?

**Emily Lima:** Foram... Direto assim... Eu ainda estava no período de acertar a papelada, então, muitas vezes eu tinha que vir para o Brasil. Eu consegui me naturalizar portuguesa,

---

<sup>20</sup> Thaís Ribeiro Picarte.



por meu pai ser português, então, eu estive 4 anos, quase 5 anos na Espanha, e nesse meio tempo que eu estive na Espanha eu era convocada pela Seleção Portuguesa também. Que foi de conhecimento deles eu estar... Eles procuram muitos brasileiros que tinham nacionalidade. Eles procuraram lá na Espanha e acharam o meu nome lá no Prainsa, eu

estava no Prainsa na época, em 2006. Em 2007 eu já fui fazer o meu primeiro treino pela Seleção Portuguesa. E também assim: a Seleção Portuguesa no ranking da FIFA está no 46º... É uma seleção muito abaixo mas que é muito valorizada. A gente recebe placa da primeira convocação, a gente recebe placa da décima quinta convocação... Eles valorizam a modalidade. Infelizmente eles têm o mesmo problema que a gente em relação a investimento no futebol feminino, a competição é bem abaixo, tanto que todas as jogadoras que jogam na Seleção Portuguesa jogam fora de Portugal ou jogam na Bundesliga que é a liga alemã, jogam na liga espanhola, jogam na liga italiana, a maioria delas... Na Islândia jogam também. Todas não atuam em Portugal, tem muita estrangeira que tem dupla nacionalidade, tinham duas americanas, uma canadense e eu que era brasileira, porque eles tentam reforçar ao máximo a seleção para que consiga ganhar algum espaço dentro da Federação. A minha treinadora da seleção ela hoje é diretora de futebol feminino dentro da Federação, que isso eu acho importante a gente ter no Brasil.

**Lu Castro:** Qual o nome dela?

**Emily Lima:** Mônica Jorge. É interessante a gente colocar uma mulher dentro da Federação Paulista, criar uma “cadeirinha” ali para a gente poder ter essa força lá dentro, de fazer tudo isso que foi falado antes das competições. Dentro da CBF também eu acredito que a gente tem que conseguir colocar uma mulher ou uma pessoa... Eu brigo muito pela mulher porque nós estamos falando de futebol feminino e de valorização da modalidade. Temos que ter, começar a ter esse interesse. As ex-atletas também terem esse interesse, não em serem treinadoras, mas, por exemplo, a Juliana que está aqui ajudando... a gente precisa disso, porque já viveu, sabe das dificuldades, nada melhor do que quem já viveu as dificuldades da modalidade para entender quando nós falamos as coisas aqui. Eu acho isso importante, hoje a Mônica Jorge faz parte, é diretora de futebol lá e já conseguiu



mudar algumas coisas, por isso a importância da mulher lá dentro. Nós temos uma competição estadual muito boa em Portugal, temos uma competição nacional também muito boa, poucas equipes, mas já estão criando com que o Sporting<sup>21</sup> e o Benfica<sup>22</sup>

montem o futebol feminino, então ela está forçando esta situação. Parece que, não sei se para este ano, mas para o ano que vem talvez ela consiga. A ida do Brasil para lá foi 99,9% ela que conseguiu. Forçar o pessoal do Brasil a participar da Algarve Cup, foi convidado acho que foram 22 edições. Então há 21 anos eles convidam o Brasil e o Brasil nunca mostrou interesse em uma competição tão importante. Na FIFA esta é a segunda competição mais importante depois do mundial feminino. É uma competição importante para o Brasil que quer mudar, que quer fazer uma coisa diferente, ser participante. Eu participei desta competição três vezes, em 2007, 2008 e 2009 e é uma competição muito forte mesmo. São criadas chaves, lá são chaves ranqueadas. Porque nós, Portugal, não podemos jogar com uma Alemanha da vida, porque não temos condições. O campeonato é bem ranqueado em relação a isso. Então, é mais ou menos este o tempo em que fiquei na Espanha. Lá é uma organização igual a do masculino, o tratamento é igual a do masculino, pelo menos na equipe que eu jogava, não sei as outras equipes, mas na equipe que eu jogava era assim. Depois em 2008 eu trabalhava lá também... Acho que vale a pena falar disso. Eu trabalhava porque eu queria ganhar tempo. Os treinamentos lá são só à noite. Durante o dia não tinha nada para fazer, ou você ia correr, ou você ia fazer uma academia, ou você ia fazer uma manutenção na fisioterapia. E eu acabei pensando um pouco tarde, mas eu acabei pensando em ganhar dinheiro, eu falei: “Estou aqui, estou sem fazer nada, eu vou ganhar dinheiro, vou ver o que eu posso fazer”. Então eu arrumava alguns empregos; arrumei emprego em uma fábrica de madeira, meu primeiro emprego lá. E para mim era mais fácil porque eu sou comunitária, então, eu não tenho esse negócio de ser estrangeira, de precisar do cartão, que eu nem me lembro como é que chama o cartão, que é um cartãozinho lá que eles falam que é tipo um Green Card da Espanha. Eu não precisava disso, eu já tinha o passaporte português, a identidade portuguesa, o BI que chama em Portugal, então, era mais fácil de conseguir emprego também. Fui trabalhar

---

<sup>21</sup> Sporting Clube de Portugal.

<sup>22</sup> Esporte Clube Benfica.



nessa fábrica de madeira, trabalhava das seis da manhã... Eu saía de casa umas cinco horas, até as três e meia da tarde, porque lá eles trabalham por período. O período da manhã, aí eles tiram a sesta deles depois abrem as três horas e vão até a noite. Então eu trabalhava esse primeiro período, voltava para casa, tomava meu banho e ia para o treino. Aí eu chegava do treino e a rotina era essa todo dia. Chegava do treino dez e meia, onze horas e no outro dia era assim. O clube não colocava restrição nenhuma em relação a isso, eles só queriam que eu estivesse no treino bem para treinar. Neste primeiro clube que estive, no Prainsa, eu fiz isso e quando eu fui para o L'Estartit foi onde eu tive uma melhora financeira muito boa, porque eu fui registrada em uma empresa de persianas e quando eu fui para lá eu propus o trabalho porque eu já sabia que ia ser a mesma coisa, treinar a noite e ficar o dia inteiro sem fazer nada. E lá era uma cidade litorânea. Costa Brava, e não tinha nada para fazer. Se você não fosse para a praia, você não tinha nada para fazer o dia inteiro. Quando eu fui eles já falaram que tinham esta empresa e se me interessaria, eu falei que sim. Foi bastante puxado porque eu trabalhava das sete as sete. Tinha uma hora de almoço, mas eu trabalhava até as sete porque eu queria fazer hora extra. O pessoal da fábrica falava: “Você é maluca, brasileiro é tudo maluco, vem para cá para ganhar dinheiro”. E eu falava: “Realmente é a nossa ideia”. Pelo menos era essa minha ideia. Eu tinha que resolver a minha vida, eu estava tanto tempo lá fora que se eu voltasse para cá do mesmo jeito não ia adiantar nada. E depois eu ia para o treino. E no final de semana, com o dono da empresa, eu trabalhava com ele nos tratores dele. Quando o jogo era em casa, eu trabalhava nos tratores, quando o jogo era fora, que eu tinha que viajar na sexta, aí eu não fazia nada. Mas era maravilhoso, eu adorava. Eu trabalhava no sábado, porque no domingo eu tinha jogo. Mas muitas vezes depois do jogo, porque lá os jogos são meio dia, todo o campeonato inteiro. Depois do meio dia eu ia trabalhar até a noite. Era assim, eu amava e foi um período da minha vida muito bacana, muito bom. E a competição lá é muito difícil, o máximo que a gente conseguiu chegar foi em 6º lugar na Liga e entramos pela primeira vez na Copa da Rainha. E foi muito bacana, a Copa é uma coisa incrível, diferente de disputar, são as mesmas equipes, mas é uma coisa diferente. Em 2008 eu finalizei o contrato com o L'Estartit, voltei para o Brasil, eu já estava com a ideia de parar, porque eu não estava muito bem com o meu joelho e recebi um convite para ir para a Itália para jogar



no Napoli<sup>23</sup>. Eu estava em dúvida porque eu não estava 100%, eu cheguei lá falando que eu não estava 100%, que era uma experiência nova e que eu queria... Já que eles estavam me dando a oportunidade, tanto que eu não aguentei a competição inteira, eu terminei o contrato pela metade do término da temporada, cheguei no presidente e falei: “Não tenho condições”. No final de 2009 em dezembro, eu falei: “Não tenho condições, já deu para mim, eu não vou ficar enganando vocês, mesmo porque o meu rendimento em campo não vai ser o mesmo”. Eles entenderam e eu voltei para o Brasil, e foi isso a minha carreira como atleta. Em 2010 eu iniciei fora dos campos.

**Lu Castro:** Agora para quem não sabe, você jogava em qual posição?

**Emily Lima:** Volante. Esqueci.

**Lu Castro:** Sempre?

**Emily Lima:** Não. É sempre assim: começamos como meia, ai vamos para volante, ai vai para zagueira, então, quando chega ali você fala: “Não. Tá na hora de parar”. Foi mais ou menos assim que aconteceu comigo. Eu comecei como meia direita, ai me colocaram de volante, de zagueira... Mas lá eu jogava de volante ainda.

**Lu Castro:** Quando foi que você começou a atuar como técnica?

**Emily Lima:** Neste tempo que eu fiquei lá fora eu fui estudando, fiz alguns cursos on-line, fiz alguns cursos na própria Espanha. E ainda quero fazer um de Portugal, um da UEFA, que aqui também deveria ter. Nós, atletas da Seleção Portuguesa, temos uma bolsa para fazer o curso da UEFA de 100%. Esse curso é caríssimo, e eu acho que a CBF deveria... Tem o curso da CBF, que eu iria participar em janeiro mas não pude por que eu assumi o São José. Era um momento que eu não poderia deixar o São José<sup>24</sup>, uma semana sem a

<sup>23</sup> Società Sportiva Calcio Napoli.

<sup>24</sup> São José Esporte Clube.



parte de treinamento de campo mesmo porque a Copa do Brasil já estava aí, mas vou participar no meio no ano. Acho interessante que as atletas da Seleção Brasileira ou quem passou pela Seleção Brasileira interessada em fazer esse curso e ganhar a bolsa, eu acho que isso seria fantástico para o conhecimento delas também. Eu ainda quero fazer esse curso, só estou tentando achar espaço porque são três meses e eu teria que ficar três meses em Portugal fazendo este curso, e eu vou achar esse tempo porque eu preciso. Então, fiz algumas coisas e voltei para o Brasil com o projeto de... Não de ser treinadora.

Sinceramente não era a minha ideia. Mas como supervisora, porque nós passamos muitas dificuldades, nos enganaram demais em relação a essa parte administrativa e eu gostaria de fazer diferente... Vou fazer diferente no clube onde eu atuar. Eu quero ser bem clara e transparente com as atletas e o que for delas é delas, o que for do clube é do clube e o que for meu é meu. Então essa era a minha ideia, vou dizer que a “revolta”, não sei... Mas eu gostaria de ser transparente e mostrar para elas que existem sim pessoas certas no futebol feminino. Nós generalizamos muito sendo que tem pessoas corretas e honestas dentro da modalidade. Essa era a minha ideia. Fui apresentar meu projeto na Portuguesa, mas já existia o projeto na Portuguesa com o Prisco<sup>25</sup>. Ele era o treinador, mas não tinha essa parte administrativa porque a Portuguesa só da a camiseta. Eles me colocaram em contato com o Prisco e ali parece que foi um encontro de pessoas... Não conhecia ele de nada... Um encontro de pessoas que um estava precisando do outro. Foi uma liga muito legal. Ali foi onde eu aprendi tudo sozinha, fora do campo. É claro que você tem a experiência de ver, mas de fazer as coisas administrativas em relação à Federação Paulista, eu meti a minha cara lá e falava: “Como é que faz? Como é que eu faço? Como eu resolvo o problema?” Então foi assim: 2010 inteiro eu fui correndo atrás e já fui fazendo os cursos aqui no Brasil também de treinadora mas para conhecimento do futebol porque eu amo futebol. Fiz um curso do SITREFESP<sup>26</sup>, fiz o curso do Futecom, fiz alguns cursos e meu irmão entrou na minha cabeça de uma tal maneira que... “Você tem perfil para isto, você tem que ser isto, só isto para você não dá...” Ele tinha um conhecimento com o pessoal do Juventus<sup>27</sup>, que já tinha trabalhado junto na área dele. Papo vai, papo vem, a pessoa falou assim: “Nó estamos

---

<sup>25</sup> Prisco Palumbo

<sup>26</sup> Sindicato dos Treinadores de Futebol Profissional do Estado de São Paulo



sem treinadora no futebol feminino porque a Magali<sup>28</sup>, que trabalhou lá durante 20 anos, 30 anos foi mandada embora e nós precisamos dar sequência no trabalho”. Aí meu irmão foi e falou: “Tem a minha irmã, vou pedir para ela fazer isso.” Sem falar comigo ele chegou em casa e falou: “Te indiquei lá”. E eu falei: “Não estou preparada ainda para isto, eu preciso me preparar melhor”. Não, você vai, você vai!” Ai fui e agora estou ai. Foi isso que aconteceu, olha onde ele me enfiou! Isto em 2010, em 2011 eu já assumi como a treinadora do Juventus. Fiquei lá 2011, 2012 e início de 2013. Recebi o convite para Seleção no final

de 2012, para assumir a sub-17. Assumi a sub-17 em março de 2013, quando a modalidade e também o departamento fechou no Juventus. Assumi e fiz o primeiro período de treinamento em março de 2013 e estava acontecendo a criação da sub-15 que não seríamos nós que tomaríamos conta. Mas fizeram um relatório... Lá sempre depois de convocação temos que fazer um relatório, o supervisor tem que fazer um relatório. E como eu era a primeira mulher trabalhando ali, tinham várias dúvidas. Dúvida em relação a parte do presidente, que foi uma coisa também que aconteceu comigo e que acontece no feminino. Mandaram uma carta para Federação Paulista de como é que podia... Hoje eu sei quem é a pessoa mas não vale a pena falar. Mandou uma carta falando da minha vida pessoal, dizendo que eu não tinha o perfil de trabalhar com crianças de 16 anos, 15 anos. E o presidente foi falar com o coordenador: “Não quero mais ela”. Sem me conhecer. A minha ida para a Seleção foi bastante difícil, vocês não sabem porque é uma coisa minha e que não vale a pena ficar falando, mas como hoje eu estou falando da minha vida, da minha carreira e já não estou mais na CBF, então vale a pena falar para vocês conhecerem um pouquinho mais e para ver que estar lá não é só estar lá. “Poxa, a Emily é treinadora da Seleção!” Eu já passei por várias dificuldades no começo, então, mandaram uma carta e falaram muita coisa de mim, pessoas que às vezes querem estar no meu lugar e não conseguiram chegar ou ter que chegar dessa maneira, não sei. Mas eu torço para esta pessoa ter sucesso independente de qualquer coisa. Ela não queria, não queria, não queria e o coordenador disse: “Emily, não vai dar certo”. Eu não falei nada, eu falei: “Está na mão de vocês, a decisão é de vocês tanto para eu vir quanto para eu sair”. Eu nem havia

---

<sup>27</sup> Clube Atlético Juventus

<sup>28</sup> Magali Aparecida Fernandes



treinado ainda, tinha assumido, tinha ido lá na CBF, mas nem iria para este primeiro período. O presidente colocou cinco supervisores para estarem no nosso treinamento. Verdade! Ele colocou um supervisor que é o chefe, o Betão, que já não está mais lá também; colocou o Miguel, colocou alguns outros parceiros dentro da Granja Comary para estar analisando para estar... Isto é bom, é um desafio, eu gosto de desafio. A minha comissão técnica é uma comissão técnica que eu não vou encontrar em outro lugar, não vou. O Dikson<sup>29</sup>, o Felipe<sup>30</sup> e o Luizão<sup>31</sup> são meus parceiros dentro do futebol. Eu conheci

eles dentro do futebol mas são pessoas que é muito difícil de ter em uma comissão técnica porque o preparador físico quer ser o treinador. Um quer tomar o lugar do outro, isto acontece muito no masculino, também acontece no feminino. Mas eu trabalho com eles há cinco anos e agora que tivemos que nos separar porque eu fui para o São José, não podia por uma decisão minha prejudicá-los. Fiz o convite para o meu preparador físico se ele gostaria de vir comigo para o São José, ele disse que sim. Ficou meio na dúvida de abrir mão da Seleção porque não é fácil. É difícil você chegar lá e abrir mão de uma Seleção é bastante complicado, você tem que estar seguro no que você está fazendo, são escolhas também na nossa vida. Cheguei no meu coordenador e falei: “Uma decisão que vai fazer bem para mim não pode prejudicar as outras pessoas que não tem nada a ver com a minha decisão. Então eu faço o pedido que você coloque o Luisão como treinador da equipe, mesmo porque já está trabalhando com essas meninas fazem dois anos e o preparador de goleiro continua na função dele, que o treinador traga um assistente da confiança dele porque isso é importantíssimo e que o treinador traga um preparador físico”. O preparador físico hoje da sub-20 trabalha na sub-17, o que eu acho fantástico. E o assistente é um cara que trabalhou no Juventus com ele e que também foi ideia minha porque ele tinha lembrado de uma outra pessoa e eu falei: “Acho que esse cara entra no nosso perfil de pessoas”. Ele falou: “Caramba Emily, vou chamar essa pessoa”. Ele aceitou, todo mundo aceitou. Eu fiquei muito aliviada porque eu estou muito feliz em estar no São José hoje, mas estava muito preocupada com o que iria acontecer com eles, essa era a minha preocupação. A comissão técnica é uma coisa importantíssima, para mim é 50% da equipe

---

<sup>29</sup> Dickinson Miranda.

<sup>30</sup> Filipe de Souza.



e os outros 50% é a comissão ter que lidar com as atletas. É complicado às vezes falar sobre a comissão técnica, mas enfim... Voltando para a parte da supervisão... Ficamos 15 dias no período de treinamento, finalizou! Eu fiz o meu relatório, todos da comissão fizeram relatório e os supervisores fizeram seu relatório, isto em março. Em abril, em maio tinha uma convocação da sub-15 que já havia sido criada. E o nosso coordenador levou a nova comissão técnica aqui na Federação Paulista para o presidente, o Marco Polo<sup>32</sup>. Ele aprovou, pegou o papelzinho, foi bem deste jeito, e rasgou... E isto eu achei interessante, porque você tem que conhecer a pessoa para falar da pessoa, não adianta você vir falar de uma pessoa e eu ter uma atitude que eu nem conheci ela. Eu sou assim, eu escuto muita coisa, mas eu vou tirar minha conclusão depois do que eu ver. Foi mais ou menos isto, ele pegou este papel da mão do coordenador, rasgou, escreveu meu nome e disse: “Essa menina vai tomar conta da “15” também”. Para ele foi uma surpresa porque, à princípio, ele queria tirar. Daí pegou a carta do e-mail rasgou também, colocou no lixo. “Vamos seguir o trabalho com ela. Ela vai estar trabalhando na sub-15 e para a sub-17, que é dela mesmo, então, deixa ela seguir o trabalho”. Foi uma coisa muito bacana da parte dele, é uma pessoa que é totalmente machista e que eu acabei ganhando confiança sem saber o que estava acontecendo por trás disto, eu fiquei sabendo depois. Fiz o trabalho que hoje eu faço no São José, que eu fiz no Juventus, era o mesmo trabalho e a mesma postura que eu tinha lá eu tenho nos clubes, mas lá nós temos uma responsabilidade de representar o nosso país. E aqui hoje eu tenho a responsabilidade de representar o São José. São entidades diferentes mas com a mesma importância no meu ponto de vista. E aí foi a carreira da Emily Lima como treinadora. Eu abri mão da Seleção por conta de um convite do São José, uma equipe que vai disputar todas as competições que nós temos. É uma nova filosofia para eles, para as atletas, está tendo alguns conflitos em relação a isto, a nova proposta. Eu me surpreendi muito em relação a algumas coisas que eu não esperava encontrar por lá, por ser o São José e que nós vamos tentar mudar. Eu, com calma, vou tentar mudar, acredito que a gente vá mudar. Não tivemos um bom início de temporada com a Copa do Brasil e o resultado de 3x0 lá em Caçador contra o Kindermann<sup>33</sup> abalou demais a gente, principalmente eu. Não esperava esse resultado lá. Mas isso é acreditar na

---

<sup>31</sup> Luiz Antônio Ribeiro.

<sup>32</sup> Marco Polo Del Nero.



proposta, se todo mundo não estiver acreditando na proposta que estamos levando para eles fica complicado, mas foi um aprendizado para nós e para elas. Agora é seguir o trabalho e pensar no Paulista. Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>33</sup> Associação Esportiva Kindermann